

POESIA ERÓTICA: UMA PROPOSTA DE LEITURA

Maria do Socorro Pinheiro

Professora da Universidade Estadual
do Ceará, Doutoranda em Literatura
e Interculturalidade pela Universidade
Estadual da Paraíba.

Introdução

A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito.
(Murilo Mendes)

Esta afirmação de Murilo Mendes nos leva para um mundo de possibilidades. A poesia como alimento cotidiano do espírito abre nossa mentalidade para experiências importantes com a palavra. Não qualquer palavra, mas aquela de natureza poética, capaz de nos ressuscitar e de reproduzir outras histórias, outros tempos e lugares. A poesia é presente, tempo habitado pelo aqui e agora.

Diante de tantas formas de expressão, decidimos estudar poesia, gênero literário capaz de dizer coisas que outros gêneros não conseguem, chegando ao mais íntimo do nosso ser. A poesia alia as subjetividades e o mundo em vários planos, a partir de enfrentamentos, confrontos e apelos oriundos do próprio interior. Ela atua na transformação do mundo e alivia nossas almas tão apegadas às mesmíssimas coisas. Sua dimensão revolucionária nos faz viver diferentes sensações num espaço tempo que se aproxima cada vez mais porque é linguagem humana que nos convoca para uma existência mais livre, residindo no homem a força interpretativa.

Assim sendo, pretendemos analisar a poesia erótica de Adélia Prado, Gilka Machado e Olga Savary como um campo de conhecimento que abre espaço para algumas discussões sobre erotismo, corpo, desejo feminino, promovendo novas perspectivas na formação e na transformação do leitor literário. Nosso trabalho está fundamentado nos estudos de Barthes (2004), Joachim (2012) e Kefalás (2012), que imprimem na literatura a marca representativa que integra todos os tipos de discursos, tornando-se um espaço interdisciplinar de conhecimento para todas as formações e áreas.

Poesia erótica e leitura

Ao longo dos nossos estudos, fomos experienciando a leitura de poesias, com diferentes temáticas. Entre tantas destacamos aquelas de cunho erótico. A partir disso, algumas razões nos levaram a estudar a poesia erótica. Há pelo menos quatro razões: primeiro porque há poucos estudos sobre a temática erótica, como mecanismo de formação do leitor, que diversificará não somente suas leituras, mas elevará sua experiência leitora para um campo interpretativo de atuação mais abrangente. Segundo porque a temática está em diálogo com outras áreas do saber: a mitologia, a psicologia, a filosofia, a religião. Terceiro porque a poesia erótica discute temas interessantes como corpo, alma, sexualidade, desejo, desenvolvendo uma gama de conhecimento com possibilidades de conhecer melhor essas representações temáticas. Quarta porque o binômio poesia e erotismo abre um estudo para as fronteiras desses fenômenos que não podem ser ignorados.

O erotismo, afirma Bataille (2013), se constitui como experiência interior de toda pessoa. Faz parte da vida humana, pois somos seres desejantes, estamos sempre buscando o que nos falta, a continuidade. Para Bataille (2013, p. 35), “o erotismo é a aprovação da vida até na morte”. Sendo uma realidade humana, a atividade erótica nos acompanha nas circunstâncias reais e imaginadas. Se bem observarmos, a energia erótica se introduz em nós para experiências não apenas sexuais. Além disso, está para a realização das mais distintas atividades, levando a pessoa a experimentar as sensações de êxtase e de paixão.

Ao ler poesia erótica, o leitor acrescentará mais uma peça ao seu mosaico de leitura – a poesia e o erotismo – dois acontecimentos que se conjugam para inventar novas realidades, sentidas na relação de criatividade e movimento que ambas engendram. Octavio Paz (1994) estuda esse fenômeno chamando o erotismo “uma poética corporal” e a poesia “uma erótica verbal”. Qual seria a fronteira entre poesia e erotismo? Uma investigação que nos coloca diante de reflexões, pois ambos caminham pela linha da sedução, expressando-se numa linguagem verbal e corporal, que se fundem e se integram. Segundo Octávio Paz (1994, p. 12), “a imagem poética é abraço de realidades opostas e a rima é cópula de sons; a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo”.

Vemos então que poesia e erotismo caminham num mesmo ritmo e vivenciam uma realidade de prazer com a escrita do corpo e o corpo da escrita. Ao ler poemas eróticos, o leitor entra num terreno surpreendente, isso se deve ao mistério que envolve Eros. Sua

natureza suscita enigmas, linguagem, representação. De acordo com Filoteo Faros (1998, p. 38), “o Eros não é algo que experimentamos exclusivamente diante de uma pessoa: é, ao contrário, uma atitude perante a vida”. Para experimentar essa atitude entra a leitura como um exercício de nudez. Ler é despir as palavras de suas significações. Antes mesmo disso, o envolvimento acontece inicialmente com o livro. Afirma Eliana Kefalás (2012, p. 38) que “o contato com o livro se dá no seu manuseio, no tato, com o sangue pulsando. Há um corpo a corpo com a concretude do objeto e com a materialidade do verbo. Texto e textura”. O corpo do texto ao do leitor, em seguida a sensação de gozo do texto lido e interpretado, um processo que se transforma num evento extraordinário de encontro com o sentido. E o que podemos dizer quando esse livro manuseado é um livro de poesia erótica?

Segundo Barthes (2004, p. 9) “um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo”. O texto é então esse espaço de fruição, de desfrute, de jogo e sedução. Ao anunciar um discurso que tem como ponto de partida o erotismo, a literatura se coloca dentro de um campo vasto e faz conexão com outros saberes (outras ciências), diversificando a formação dos leitores, colocando-os numa rede pluridisciplinar. Sébastien Joachim (2012, p. 12) chama atenção para a função materna da literatura “uma função de anfitriã que acolhe com a mesma frente serena em sua ampla mansão o discurso multifacetado da Ciência”. As fronteiras entre literatura e ciência tendem a ficar cada vez mais estreitas, tendo em vista a vocação para o humano, que cada uma delas engendra. Esse é um sinal de que a mentalidade vem sendo transformada diante dos grandes eventos científicos, como profere Joachim (2012) em seus estudos.

A proposta de leitura de poesia erótica é um grande desafio que deve ser enfrentado. A poesia erótica dinamiza a consciência literária do leitor, por tratar de questões que estão essencialmente ligadas à natureza do desejo humano. O leitor viverá uma experiência extraordinária com a poesia. E aqui propomos os poemas eróticos de Adélia Prado, Gilka Machado e Olga Savary. A escolha se justifica por cada uma delas expressar um erotismo diferente.

O erotismo de Olga Savary é de natureza selvagem, caminha entre abismos como a vida e a morte. Vejamos no poema *Acomodação do desejo III* (1982, p. 47), como o processo de erotização aparece em seus versos:

Deito-me com quem é livre à beira dos abismos
e estou perto do meu desejo.
Depois do silêncio úmido dos lugares de pedra,
dos lugares de água, dos regatos perdidos,
lá onde morremos de um vago êxtase,
de uma requintada barbárie estávamos morrendo,
lá onde meus pés estavam na água
e meu coração sob meus pés,

se seguisses minhas pegadas e ao êxtase me seguisses
até morrermos, uma tal morte seria digna de ser morrida.
Então morramos dessa breve morte lenta,
cadenciada, rude, dessa morte lúdica.

É na morte que está a continuidade tão buscada por Eros. A morte nesse poema é o leitmotiv que coloca Eros e Tânatos frete a frente. Vida e morte tecida com o mesmo fio que levará ao êxtase. A força de Eros se encontra nas experiências de morte, no gozo frenético e louco, pulsante e úmido, que por alguns segundos leva os seres ao paraíso, mas não termina aí. Eros não se satisfaz, prolonga sua relação, transcende o ser, na relação de unidade que a morte propõe, caracterizando-a como lenta, cadenciada, rude e lúdica. A morte aqui é vida, pois Eros a transforma num componente lúdico, leve e necessário. Outro componente interessante na poética de Olga Savary é o elemento água, que nesse poema simboliza a fecundação. Os lugares de água, os regatos perdidos acomodam o desejo para viver a barbárie, que leva “essencialmente o domínio do erotismo ao domínio da violência”, diz Bataille (2013, p. 40). Que também é outro nome para a luta que se trava entre os amantes quando se encontram para morrer “de um vago êxtase”. A água intensifica o desejo a ser verbalizado e vivido “com quem é livre à beira dos abismos”. Água como fonte e origem da acomodação do desejo.

No poema *Sensorial*, Olga Savary confessa a natureza do eu poético, “Íntima da água eu sou por força, / mar, igarapé, rio ou açude, / pela água amor incestuoso”. A água é um componente fundante de sua poesia. O eu se confessa água e amor incestuoso. A camada de erotismo que envolve sua poesia se reveste de forte sensualidade, cravada nas palavras que acolhem o desejo. O mar, o rio, o açude, o igarapé assumem um sentido simbólico: é a rota, o corpo, a liberdade, a fecundação. Na água está a metáfora erótica que remete à origem da vida. Em outro poema *O segredo*, Olga faz insinuações e apelos eróticos, “entre pernas guardas: / casa de água / e uma rajada de pássaros”. A água pode representar a umidade no momento de prazer e de desejo. “Casa de água” sugere a excitação e “uma rajada de pássaro” ação do amor, violenta união.

Já na poesia de Gilka Machado, poeta carioca, o erotismo está nos sentidos, revelado pelo corpo e pela alma, “Inda conservo a carne deliciada / Pela tua carícia que mordida, / que me enflorava a pele, pois, / em cada beijo dos teus uma saudade abria” (1991, p. 287). É um erotismo carnal, voluptuoso, vivido no corpo todo. As palavras carne, carícia, pele, beijo, nos levam para um campo semântico de sedução, como propõe Barthes (2004, p. 11) “o texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das funções da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)”. A palavra seduz e incorpora um poder de realização do desejo, acendendo os sentidos.

O erotismo se revela como um componente necessário para a experiência interior do eu poético, capaz de sentir pelos no vento, “e não podes saber do meu gozo violento, / quando me fico, assim, neste ermo, toda nua, / completamente exposta à Volúpia do Vento”! (1991, p. 164). O vento assume a personificação do amado, que não precisa está presente, pois o eu poético pode senti-lo nos elementos exteriores. Sua imaginação dá formas ao seu pensamento, que se realiza de maneira surpreendente nos sonhos, nas lembranças, nos perfumes. O poema *Cabelos Negros* exemplifica o desejo sendo realizado pelos cabelos do amado, “sem senti-los, sem ao menos vê-los”.

Quando, pela fadiga molentada,
sobre o leito me estiro, em completo descuido
(talvez loucura minha, uma obsessão talvez),
passo a sentir, Querido, o teu cabelo em tudo:
na paina da almofada,
nas mãos, nos lábios, no próprio ar que é fluido,
sobre a minha nudez,
cobrindo-a, qual um manto de veludo,
da tua ausência na viuvez.

Então o meu corpo ganha
uma volúpia estranha,
e teu cabelo, como por encanto,
avulta, cresce tanto,
que largo, longo, perfumado e quente,
da forma em curvas me acompanha,
ondulando, lentamente...
E, sem senti-los, sem ao menos vê-los,
subjetivamente,
durmo enrolada em teus cabelos.” (p. 117)

Nesses versos, o símbolo erótico está nos cabelos que o eu poético vivencia como expressão do desejo carnal. Essa experiência do desejo é mantida nos sentidos, que se

encarregam de provocar as sensações criadas pelo aroma dos cabelos, que se volatiliza para em seguida ser manto. A volúpia cresce e a imaginação cria uma circunstância de encontro que chega à realização sexual. O cabelo é objeto de desejo e sugere excitação erótica, como nos versos “meu corpo ganha uma volúpia estranha”. O eu poético entrega-se ao amor não numa realidade física, mas imaginada e sentida como vivida, como um acontecimento que delicia sua intimidade não com o corpo, mas com a alma do amado, pela essência dos negros cabelos.

Gilka Machado faz do seu erotismo marca de sua poética. Cada palavra ganha uma significação que se traduz em sentimentos. Cada frase que se liga a outra frase constitui um material semântico que alimenta o imaginário do leitor, provocando novas experiências diante de vocábulos e expressões que singularizam a temática erótica. Nos sentidos (mãos, boca, cheiro, nudez) o corpo experiencia o prazer que o cabelo evoca. Ele é manto de veludo que cobre a nudez e é aconchego na viuvez. O eu poético vive dois estados de realidade: o primeiro na nudez, na ausência de vestes, de máscaras, de formalidades. A nudez sendo a imagem da liberdade. O segundo estado é a condição de viúva. Ausência do outro, da companhia amada. Essas situações podem nos levar a pensar num desnudamento existencial.

E na poesia de Adélia Prado há um erotismo sagrado na comunhão entre o homem e o universo, “um corpo quer outro corpo. Uma alma quer outra alma e seu corpo. Este excesso de realidade me confunde”, assim diz a poeta (1986, p. 23). Há um sentimento de entrega, um abraço entre corpo e alma, entre pensamento e palavra, entre criação e imaginação, criando uma sintonia entre prazer e comunhão por meio de uma linguagem que se solidariza com as ideias. Lembra Barthes (2004, p. 47) “eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz”. A linguagem é responsável pela reação do leitor. Seduzido ou ferido a linguagem o modifica, o torna outro, provocando criação e reflexão. A leitura sugere envolvimento do corpo com outro corpo, de uma ideia com outra ideia.

A poesia de Adélia Prado é tecida por um erotismo que também se une aos elementos da natureza. Vejamos no poema *O Amor no Éter* (1986, p. 27) a natureza imbricada numa sacralidade que envolve paisagem, aves, água, montanhas, mostrando ao leitor a direção do céu.

Há dentro de mim uma paisagem
entre meio-dia e duas horas da tarde.
Aves pernaltas, os bicos
mergulhados na água,
entram e não neste lugar de memória,
uma lagoa rasa com caniço na margem.

Habito nele, quando os desejos do corpo,
a metafísica, exclamam:
como és bonito!
Quero escavar-te até encontrar
onde segregas tanto sentimento.
Pensas em mim, teu meio-riso secreto
atravessa mar e montanha,
me sobressalta em arrepios,
o amor sobre o natural.
O corpo é leve como a alma,
os minerais voam como borboletas.
Tudo deste lugar
entre meio-dia e duas horas da tarde.

A poeta conduz o eu poético para a natureza, lugar perfeito para a realização dos desejos. Mas essa natureza é também seu interior, um cenário paisagístico, um cenário de amor que se abre para o encontro, entre corpo e a alma. Percebemos a unidade desse instante, especificamente, no horário de repouso “entre meio-dia e duas horas da tarde”, verso que inicia e finaliza o poema, como metáfora da realização amorosa. Um habita o outro, a morada de um está no outro, “habito nele”. Há algo de sagrado nesse ato de amar que tem o tempo das infinitudes, porque se faz mistério, “quero escavar-te até encontrar onde segregas tanto sentimento”. Esse “escavar-te até encontrar” move Eros a procura pelo complemento, pelo sentimento que energiza o amor sobre o natural e que nos faz entender o título do poema, “O amor no éter”, significando um amor elevado, cuja essência está entre o céu e a terra. As aves, as borboletas, o mar, a montanha representam a união do cosmos com o homem e a sacralidade desse universo natural.

A leitura de poesia erótica permite ao leitor possibilidades de interpretação. O trabalho com a poesia pode ser iniciado com indagações ao leitor sobre o texto em estudo. Perguntar, por exemplo, sobre o tipo de leitura que já leu; quais as temáticas; explorar as imagens; descobrir os sentidos; mostrar o erotismo como algo inerente ao ser humano; trabalhar as várias possibilidades de interpretação que o poema suscita. O leitor precisa adentrar o reino das palavras, despertar seu interesse por questões presentes no texto e com as quais certamente se identifica (enfrentamentos, angústias, silenciamentos). Lembra Kefalás (2012, p. 99) que “a relação entre leitor e obra não é puramente informativa, mas formadora, faz da leitura cartase. O leitor sofre uma transformação. Nessa perspectiva, na recepção o leitor é convocado a uma mudança. A leitura é um processo que abala, que põe o sujeito em movimento”. A poesia erótica promove um despertar, uma transformação, uma consciência mais livre e humana.

A poesia erótica evoca questões existenciais que são externas e internas em relação ao texto: chamamos externas aquelas expressas pela postura que as poetisas assumem a partir de uma ótica feminina. Elas quebram preceitos, rompem com a tradição de uma escrita centrada na ordem patriarcal, instituem outra ordem ao falar sobre desejo, direcionando suas ideias para um constructo ideológico que trazem a baila a provocação, a revolução e a construção de consciência. As questões internas estão no texto literário, podendo ser vistas pelas imagens que o poema nos oferece. A linguagem se erotiza e se reveste de significação e de outros possíveis sentidos. Nesse universo das imagens, cada palavra é um campo onde atua vários tipos de representação. Ela admite infinitas interpretações porque a linguagem é infinitamente rica, criadora e imagística. No verso, “os minerais voam como borboletas” há um simbolismo integrador do cosmos, todos os seres fazendo parte de um mesmo espaço, que está em constante mudança.

Conclusão

Poesia e erotismo estão entrelaçados, um é a imagem do outro, movidos pela imaginação, pela criatividade, por energias que se aliam. A leitura do texto poético nos impulsiona a experimentar diferentes discursos, por meio de uma linguagem sedutora que nomeia realidades não idênticas à palavra. Ao entrar em contato com a poesia erótica criamos mecanismos de abertura para viver o tempo em seus diferentes estágios. Essa abertura é afirmação de nossa humanidade que deseja a continuidade e nisso consiste sua existência. O erotismo como estado do ser está no ápice do espírito humano e a poesia é o espaço privilegiado para viver a experiência erótica.

A poesia erótica abraça os aspectos da vida humana, numa atitude de busca, de procura pela realização do ser. É nesse plano que o erotismo se instala, como uma energia capaz de levar a pessoa a buscar a plenitude, a integração, a totalidade. Tais experiências vivem em consonância com a liberdade e a imaginação: dois componentes que integram a poesia erótica e levam o leitor para um palco cujas cenas manifestam a profundidade dos sentimentos humanos e sua capacidade de transcendência. Esperamos que nosso estudo estimule os leitores a ler poesia erótica e, sobretudo, encontrar nela um tipo de conhecimento que se constitui como experiência interior de toda pessoa.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L & PM, 1987.

FAROS, Filoteo. **A natureza de Eros**. São Paulo: Paulus, 1998.

JOACHIM, Sébastien. **Novos aspectos da leitura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

KEFALÁS, Eliana. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção formação de professores).

MACHADO, Gilka. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MENDES, Murilo. **Poemas modernos do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.

PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SAVARY, Olga. **Magma**. São Paulo: Massao Ohno – Roswitha Kempf, 1982.